

„nascera“, de Tagore, e o „dialogo muito importante“, de Maria Carmichael Stopes.

A hygiene, a puericultura, os primordios da educação, os primeiros lampejos da licção moral, tudo, enfim, está, neste livro, condensado pela mão instintiva do artista, evidentemente costumada a exprimir o bello com a simples nuança subtil duma linha, ou pelo o culto natural dum affecto.

Agosto, 1930.

Martim Gomes.

Algumas ideias sobre a cultura physica e moral do brasileiro. (Eugenia brasilica)

por Martim Gomes

(Medico, professor da Faculdade de Medicina, commercio, e agricultor.)

I

Anda actualmente por todo o mundo uma febre de eugenia, isto é, de aperfeiçoamento das raças. E' uma ideia muito clara nos seus objectivos. Mas muito vaga, nos meios a que se arrima. Creio que por isso mesmo ella empolga e allicia os theoreticos; mas afugenta os homens praticos, e não captiva nunca bem cordealmente os homens de acção.

Deus me perdoe, e perdoem-me tambem os collegas competentes, a quem devo a lealdade da franqueza: mas, o que me tem sido dado ver, e examinar, não me parece que tenha sido sempre prodigiosamente exequível, nem adaptado ao nosso paiz, como ideias de importação.

Sem duvida, emquanto ideias, isto é, emquanto abstracção e theoria, em si, taes attitudes não direi que estão erradas ou muito discutíveis.

Eu me refiro á serventia que terá para o sertão e a cidade brasileira um projecto de lei inaugurado para a Russia, para a França, a Belgica, ou Nova York.

Porque a primeira impressão que ás vezes dá essa inspiração do modelo estrangeiro é a de uma creação «irregular e ficticia.»

E' tão irregular e ficticio como receitar aqui, em Porto Alegre, *Uva Ursi*, que o doente vai comprar, ou foi já, a uma pharmacia, que a mandou vir da Europa e está pouco segura de que a droga ainda valha alguma cousa. Indo á botica,

o doente passa pelo nosso abacateiro, e, ás vezes, ainda pára de tomar o seu matê, que lhe era uma bebida habitual...

E' tão irregular como fazer o auscultando dizer „trinta-e-tres“, para ter a vibração do thorax; — *trintirês*, — um som sem a vibração do *a*, só porque o livro de estudos traz o 33 em francez, que dá o som de *a* reforçado com o *r*, e batido com o *t*, *trantród!*...

Milhares de cabeças, pesadas de sciencia, durante annos, mandavam o doente dizer *trintitrês*, sem saber que isso é que constitue o verdadeiro gallicismo torpe, o gallicismo inconsciente da acção, em vez do inoffensivo barbarismo de palavras...

Deixem-me contar como se me attrahiu a attenção para esta qualidade do «irregular e ficticio», relatando uma anecdota.

* * *

Certa vez, ha muitos annos, descia eu, mais meu sogro, pela rua de Bragança. Recem-chegado do Rio, onde convivera com seus amigos Victorino Monteiro e Pinheiro Machado, vinha elle contando-me as cousas curiosas que tinha visto pelo norte: aqui um medico, em plena capital, empregado em examinar as carnes nos matadouros, e a refugar a tuberculosa e outras inconveniencias; ali, um alto personagem, cada vez mais aureolado no prestigio politico, a dizer da economia.

Este, em rodas, para as quaes o facto não era novidade, fazia as suas contas e declarava gastar *seis* por mez, e, destes seis, ainda lhe sobrarem *oito* para economizar, apesar de não ganhar mais que *cinco*... Tudo milagres administrativos.

Aquelle, o funcionario da hygiene, estava examinando as carnes, mal acabára a matança.

— Mas, quando o sr. acha, nesse monte todo, uns bofes ptysicos, como é que o sr. vae saber qual é a carne que era da mesma rez que elles? O sr., indo olhar lá nas carnes já misturadas, não poderá dizer qual é.

A esta pergunta do criador riograndense respondeu o representante da sciencia universal, do governo brazilico, e da administração carioca:

— Ah! minha função é separar os pedaços doentes aqui...

— Então as carnes doentes o sr. manda para o mercado?

— Qual! esta gente aqui tem muita pratica... elles sabem ver qual é a carne da rez a que pertencia o órgão doente que eu separo aqui... é gente boa e amiga!

E iamós, assim, descendo a rua de Bragança:

— São cousas do norte, e um pouco daqui também; o Pinheiro diz que no Brasil tudo é irregular e ficticio... olhe alli — é como diz o Pinheiro!... aquelle negro está descarregando a carroça de lenha, está já tapando o trilho do bonde, a calçada, e ainda atira para dentro da porta! E veja só com quem elle está conversando! — com o guarda, com o „rato-branco“!

* * *

Mas nem tudo, no Brasil, é irregular e ficticio. A phrase intima não é para ser tomada ao pé da letra, ainda quando, — documento de psychologia individual, — fica-nos, na memoria, como o rastilho que leva á parcella de verdade, occulta e preciosa, que a motivou.

Que nem tudo é irregular e ficticio, dil-o o mesmo esforço de alguns brasileiros que por ahi andam, não raro incomprehendidos, ás vezes motejados, plantando a „semente do carvalho“, entre a multidão agachada a mudar as „covesinhas de amanha“.

Haja vista o que se tem feito em hygiene, e particularmente no seu galho mais tenro, — a Hygiene Mental.

Deante della, não se envergonha o Brasil. Nascida nos Estados Unidos, em 1908, „inspiração de Clifford Beers“, teve ella mui cedo, aqui, precusores em Juliano Moreira e Ernani Lopes.

Em 1919, Gustavo Riedel inaugurava o primeiro *Instituto de Prophylaxia Mental*, na America do Sul; e em 1922 fundou a Liga Brasileira de Hygiene Mental, „em homenagem a Juliano Moreira.“

Mas a „Liga“ é um elemento de eugenia brasileira, batendo-se pelos meios que ajudam a defender e a melhorar a raça, em via de integração. Tem um programma definido, uma ideia transparente, um objectivo luminoso, um proposito nobilitante.

E' uma organização, ainda quando seja theorica, ainda quando lhe minguem os adeptos, ainda quando restricta á funcção de um centro de ideias e de attitudes so-

ciaes, que illumina a opinião, e que bate á porta do poder publico, — ininterruptamente.

* * *

Como a educação do lar, como a instrucção publica, como a escola profissional, e como a assistencia ao operariado, assim a hygiene mental concorre para a eugenia, como, fundamentalmente, aliás, toda a hygiene publica, bem comprehendida e bem realizada.

Ma isto tudo, ainda quando já tenha começado, são quasi só apparencias, e muito cheio está de illusões theoricas, sempre que, em vez de olhar os dois palmos do meio em que nos agitamos, olharmos para todo o Brasil, collectivamente, e lhe projectarmos, sobre o futuro não muito remoto, as suas largas e radiantes possibilidades. Examinando, pois, de ao perto, o problema da eugenia no Brasil, encontramos um longa serie de obstaculos:

1.º obstaculo: a extensão.

De facto. O legislador e o mestre escola, que na Allemanha e na Belgica preparam a sua lei e cuidam o seu alumno, encontram, na extensão do paiz, e nas communicações rapidas, seguras e baratas, uma facilidade e uma efficiencia que nós aqui, relativamente soffredores do *mal da extensão* não teremos durante longo tempo, para a quasi totalidade do paiz.

Assim, na sua attitude theorica de propagandista da ideia, o eugenista esbarra numa difficuldade tão grande como quando porventura assumir a attitude pratica do homem que realiza e que dá o exemplo da propria conducta e da acção: a população, diluida numa dilatada, numa grande extensão, — a decima quinta parte do universo, — não lhe ouve o discurso, e não vê o que elle faz...

Assim, nem o acto nem o discurso previnem o mal com vigor: e só restaria, para as cinzas do fracasso, a palavra do Padre Vieira, commentando a victoria hollandesa, sobre a nação desaprecatada: tomam-nos as nossas cidades, e deixam-nos os nossos discursos.

Si eu tenho uma empreza rural no Brasil, em vez de possuil-a na Allemanha ou na França, e quero, auxiliado pelo governo custear escolas primarias, encontro ainda e sempre o mesmo mal da *extensão*, exigindo mais escolas, mais professoras e mais tempo para vencer as distancias. E

isto não é uma hypothese arrancada á phantasia: é cousa que se deu e está-se dando.

2.º obstaculo — a questão ethnologica.

Não temos uma raça definida. Não temos um typo integrado, e já temos re-bentos de sub-raças, que fragmentam a raça, pela „força da terra“ variavel do amazonas ao pampa, antes, muito antes da integração definitiva dum typo somatico dominante, e duma formação psychica tradicional e preponderante.

Para combater o mal, temos que dar attenção a toda uma arvore ethnologica complicada, em que o enxerto negro, o enxerto aborigene, o enxerto arabe, o enxerto teutonico, o enxerto italiano sobre-carregam e modificam o velho tronco portuguez, ainda resistente, na força das suas qualidades e na força dos seus defeitos, devidas á diffusa raiz da suas origens.

Dahi tambem a ameaça disfarçada de ganglios estagnados de teutos e italianos e polacos, que demoram, como corpos extranhos, e *tendem a dominar antes de ser absorvidos*, não só pela disciplina da technica a que são mais accessiveis, nos planos da industria e do commercio... Mas tambem, e insinamente, — *pela carencia do meio escolar, pela inopia de communicações, e pelas deficiencias da justiça, não raro distribuida tardiamente, custosamente, e pela mão de uma politica a que o poder central, distante e alheado, mal pode conferir a significação basica de „segurança individual“, significação que deveria traduzir praticamente a palavra liberdade.*

Vê-se, pois, que a luta das raças, como as feições em que se entremostam as suas victórias locais e provisórias, que a terra decidirá com sua „força“, é tambem um factor que eminentemente se filia no „mal“ da extensão territorial... e nos adormece a moral e o espirito de nação.

3.º obstaculo: o analphabetismo.

Si, para facilitar o cálculo, admittirmos que a porcentagem é de 80 analphabets por cento, (que não sabem ler bem ou não estão em contacto com a civilização), teremos, no Brasil:
800 analph. + 200 alphabets = 1000 habilitados.

Em cada região de 1 milhão de habitantes:

800 mil analph. + 200 mil alph. = 1 milhão.

No Brasil:

32 milhões que não lêem + 8 milhões que lêem = 40 milhões.

Portanto, levando em conta que esses 8 milhões que lêem estão condensados quasi todos nas capitães, e no litoral, segue-se que, *no paiz ha só alguns pontos onde uma consideravel parte da gente seria capaz de ler com efficiencia e apprimorar a sua educação no sentido da eugenia, si tivesse tempo, meios, e orientação...*

Mas propriamente o paiz não poderia fazel-o: era uma tentativa *irregular e ficticia...*

Tal facto, porém, não importa em abandonar a ideia. Nem theoreticamente, porque a necessidade vital della é quasi desconhecida, e a propaganda impõe-se, como um dever pode-se impor.

Nem praticamente, porque urge começar, — e por duas razões. Primeiro, porque alguma cousa é mister fazer; segundo, porque cada brasileiro deve procurar sentir o dever de abrir a iniciativa com factos: (o autor destas linhas nunca se esqueceu de empregar, para isso, parte da sua bolsa e da sua acção.)

E' que nem sómente isso é que seria ficticio. A nossa republica, enquanto forma de governo é, tambem consequentemente ficticia: como é que se vae tratar do interesse geral duma população nessas condições? Como é que a nação vae eleger e governar? Si houvesse partidos nacionaes organizados e verdadeiros, era uma pura ficção o partido que quizesse representar a maioria sinceramente: elle sahiria sempre duma escassa minoria das gentes que por ahi vivem... é, isso, republica?

Ora, é fóra de duvida que a instrucção primaria diffunde-se agora, no Rio Grande, de maneira satisfactoria. E' tambem fóra de duvida que aqui ha partidos politicos norteados por uma visão definida do bem publico. Si a isso ajuntarmos a salubridade natural do sólo, e a forte dose do sangue aborigene e teuto-italiano infiltrado no tronco iberico, *podemos esperar que seja no Rio Grande onde apparecerá mais cedo o typo do brasileiro mais geralmente approximado da perfeição.*

4.º obstaculo: difficuldades geraes.

São em grande numero, e apresentam a feição commum de não serem especiaes ao nosso meio, de não serem de todo particulares ao Brasil. Quando alludo impli-

citamente a condições que *particularmente* nos dizem respeito, como o analfabetismo, não quero delle fazer um privilegio do brasileiro. Dou realce a certos aspectos desse mal, em relação á nossa posição moral e topographica, ás nossas fontes economicas, aos nossos 40 milhões de habitantes, á nossa importancia territorial, e á endosmose da energia industrial que se vae tornando cada vez mais forte, e vae crystallizando no seio do paiz uns nucleos de dominio e de absorpção, a que não deviamos olhar sem cuidados prophylacticos.

Si formos ver as cousas no interior do Brasil, pelos nossos pés, e com os nossos olhos, encontraremos muita gente claramente *inclinada a aspirar o progresso*, condição basica da prosperidade.

As excepções mais importantes não vêm só do sangue *indigena, contente do seu meio, e inclinado á indolencia e ao nomadismo*. Também não são devidas só aos individuos onde predomina o elemento *negro, conformado com a vida humilde, sem superioridade de vistas, e de escassa possibilidade na invenção*.

Correm por conta de um factor menos racial, correm por conta do estado de espirito que domina actualmente aquella gente, como um „espirito de grupo“, que os isola, e lhes accende algum amor proprio no fundo da sua civilização nulla. Mas não é o bello amor proprio do interior sulino, onde o mais atrazado camponez olha o *homem da cidade* com firmeza e com superioridade: olha-os como „caipiras da cidade“, moteja-os como os nossos vizinhos, a seu turno, ridicularizam os „puebleros“. No sul, elles mofam dos „bahianos“, que não têm „habilidade“; no norte, quando os ha, zombam dos „brabos“ que cheios de esperança cahem nas „estradas“ dos seringas; ou nos dão o jagunço, assobiando contra „a fraqueza do governo“, que chegava, desadaptada ao meio e ao momento. Esses são os fortes. E' nos fracos que está o perigo importante, o perigo que afasta do progresso. E' um scepticismo, uma hostilidade, e uma descrença contra os civilizados, e não sómente a pura ignorancia. E esse estado persiste ainda dentro das primeiras phases da civilização: evolue apenas para esse espirito rasteiro e descrente que acha mau tudo que não é estrangeiro.

Uma vez transformados, em habitantes das povoações, elles ainda se intimi-

dam deante do civilizado, em memoria das disparadas que davam, quando camponezes, fugindo do seu ranchinho, e ganhando o matto, quando um „escoteiro“ dava de redeas direito a elles, a perguntar por onde era o caminho. No início, era mais timidez e vergonha, do que amor proprio. Mais tarde, porém, surge, inexoravel, o primeiro lampejo de amor proprio, deante da civilização hostil, da justiça precaria, da saude miseravel, da politica corruptora. *E nasce, destarte, do seio mais recondito da raça, toda uma legião de revoltados, e descrentes, que olham o progresso, como quem abre os olhos a um mal: insulando-se do convívio social.*

Desta genta e desta terra se compõe a maior parte do Brasil. Terras de belleza sem par, e inexploradas; sem estradas nem transportes; sem trabalho nem organização; muito verme, algum impaludismo, rara febre amarella, por todo um longinquo sertão ao qual foi ter, antes do almejado saneamento, — o alcoolismo, a syphilis, e a fraude eleitoral.

Gentes, por sua vez, de qualidades sem par, e incomprehendidas; sem educação e sem conforto, mirradas, em cima dum solo immensamente rico.

Nada ha, na actualidade, que se possa comparar ao sentimento da honra, do brio, da abnegação, bondade, amor e hospitalidade das nossas rudes familias do interior do Brasil. Na maioria, porém, são qualidades negativas, como as da virtude que faz do virtuoso a primeira victima: não são as melhores condições para lutar contra a expansão desse egoismo, forte na sua crueldade risonha, que nos atravessa, as fronteiras, na duvidosa attitude do „salvador“, offerecido e ingenuo.

Doentes, pobres, e incultos, sobre afugentados do sentimento de nação, na timida revolta que os insula e desaggrega: — que é que se faz mister para transformal-os em homens cultos, fortes e bellos?

— Dae-lhes estradas, escolas, e justiça, (dizem uns,) para que elles ganhem dinheiro e se eduquem.

— Ao contrario, (dizem outros,) dae-lhes, antes de tudo, o dinheiro com que se curem, se vistam, e comam, sem o que não poderão produzir: o doente quer hospital, antes da officina!

— Nada disso, (fazem outros,) nem educação, nem dinheiro: a educação é theorica e professoral; o dinheiro, seria

posto fóra. E' indispensavel o começo do trabalho, para começar produzindo, afim de ajudar o governo, que só dahi vive, porque tambem é doente e fraco... E' preciso começar com a *produção*: della vem o *dinheiro*, e do dinheiro a *educação*!

— Tudo isso está errado! dizem os medicos e hygienistas: *sem saude* é que *não ha trabalho*; sem trabalho *não se produz*; sem produção *não entra ouro*; sem dinheiro, não se come, *não se educa*, e não se vive. O principio está no *saneamento*!

E a verdade, como sempre, anda ahi mesmo, no meio termo de tudo isso. Ou, por outra, esses quatro pontos de vista são ao mesmo tempo verdadeiros e errados. Errados, si for cada qual delles particularmente esposado, com esquecimento dos outros. Verdadeiros serão todos, si cada qual se referir ao trecho do paiz onde especialmente convém e se verifica. E, effectivamente, cada região está a pedir mais especialmente uma dada forma de iniciativa: aqui o saneamento, alli a educação, além a produção e a estrada, acolá o dinheiro e a escola technica, mais adiante tudo isso ao mesmo tempo...

De tudo isso, entretanto, sobressae o lado economico. E' um elemento constante e claro. E tende a tornar-se cada vez mais decisivo em vista do intercambio commercial mais rapido e efficiente com o estrangeiro, o que tende a inhibir o surto das tentativas inicialmente caras. Porque assim surge um novo empecilho, que diz: „ou produces barato, e muito barato, ou a importação te esmagará!“ Dahi, por sua vez, toda uma trama de leis proteccionistas, que levam a produzir caro, quando afastam demasiado a concorrência estrangeira. D'ahi uma industria ficticia, e um commercio artificial, adstrictos forçosamente a um mercado sempre interno, dentro dos muros aduaneiros da protecção inflexivel, estavel, e que devia começar a baixar desde que a produção estivesse encaminhada, para não habituar o produtor brasileiro ao caro, ao artificial, e ao aventurado, pois os negocios attrahem, nesses casos, como uma especulação ephemera de um ganho facil e protegido, que é preciso aproveitar, e que não necessita aperfeiçoamento nem progresso.

Por isso tivemos a crise da borracha, a crise do café, a crise da carne, a crise da banha, a crise do arroz, e quasi todas as aperturas economico-financeiras, as

quaes não foram só devidas a um reflexo local das crises universaes.

Por outro lado, si examinarmos os diversos ramos de actividade rural, e suas industrias, é muito facil comprovar que elles é que estão preparando automaticamente a solução do problema, diffundindo a educação profissional, a riqueza e o trabalho, a estrada e o commercio, a saude, o progresso, e os bons costumes. Até os bons costumes: é o arroteiro, por exemplo, que vai pedir, á autoridade, providencias contra o „boliche“ vizinho, que vende largamente a cachaça, e anarchiza a lavração, e compromette as colheitas, e inutiliza os trabalhadores das „empreitadas“.

E' a granja de arroz que faz as suas estradas, abre a sua escola, expulsa o empregado bebedor, faz a educação profissional, institue as parcerias, estimula a estabilidade das familias, a continuidade technica, a concorrência entre as qualidades, a selecção das virtudes.

Como não olhar para o que é natural, para a solução espontanea — que as condições da terra, e que „a força da terra“ nos estão offerecendo, embaixo dos nossos olhos?

Não será, porventura, isso que a iniciativa particular tem que imitar, e os poderes publicos devem proteger, estimular e orientar?

Não depende tudo de ensinar o povo a appetecer claramente o conforto, que lhe falta, e que lhe dará a instrucção, a saude, elevando-lhe o descortino moral?

Como quer que seja, porém, não parece que seja sempre exactamente esse o sentir dos que são especialmente entendidos, dos argutos, das mais superiormente esclarecidos nas questões da eugenia brasileira.

Talvez porque não olham o problema no conjuncto das suas raizes, e da sua complicação: talvez por isso tenham razão, como o prof. Ernani Lopes, nestas noções, por elle apresentadas ao Conselho Municipal do Rio de Janeiro, em novembro de 1927:

„Tambem não é este o momento para vir dizer do programma da Liga de Hygiene Mental, que é conhecido de todos os presentes.

Já, porém, que me é dado falar nesta hora, perante legisladores e economistas, permitti-me esboçar, embora sem o menor brilho, uma idéa destinada sómente a justificar a transcendência que a hy-

giene mental ousa arrogar-se, no concerto dos problemas sociaes da nossa época.

Refiro-me directamente ao que se convencionou chamar a „questão social“.

Embora a minha sympathia pelos apóstolos nacionaes do communismo, não obstante a minha convicção de que o capitalismo está fadado a evolver, revestindo feições novas menos injustas, não sou, e penso não serei jámais, *adepto de nenhuma das doutrinas extremistas que só sabem entrevêr a redempção social através de criterios economicos, ou, pelo menos, primariamente economicos.*

A humanidade, ao envez de fazer da riqueza a *condição da felicidade*, eternizando assim o maior mal-entendido da historia, deve *tender a uma nova formula de civilização que dispense por completo o falso goso de bens materiaes superfluos.*

Ora, eu creio firmemente haveremos de ser conduzidos a esse ideal magnifico pela mão da hygiene e da eugenia.

Porque, quando predominarem na humanidade os typos do homem robusto, mental e physicamente, e da mulher bella, moral e physicamente, *não cabe a menor duvida de que a paixão do luxo, a estimuladora maior do aneio de riquezas, entrará no seu declinio definitivo.*

Si é o luxo, de facto, em sua essencia, apenas um recurso artificial com que se procura disfarçar ou supprir a falta de dons naturaes quaesquer, presentes que sejam esses dons, nas raças bellas e fortes do porvir, *perderá o luxo a sua razão de ser.*

Desde que não haja amor ao luxo, o jogo — seu satellite de sempre — irá tambem perdendo os seus motivos de existir.

Veja-se que quadro elyseo a hygiene mental — da qual é a eugenia um capitulo — prenuncia e divisa no amplo dominio de suas possibilidades. O panorama visionado, por demasiado fascinante, afigurar-se-á a alguns muitissimo remoto...

Mas, é preciso confessar que, de todos os programmas regeneradores, nenhum outro se esteia em fundamentos biologicos mais firmes, nenhum outro affronta o problema á luz de dados mais objectivos e, portanto, menos susceptiveis de contestações meramente verbaes.

D'ahi o entusiasmo de que se deixam possuir os especialistas em hygiene mental de todo o mundo, relativamente ao alcance da especialidade, em suas numerosas applicações.

A Liga Brasileira de Hygiene Mental, que já deu os primeiros passos no dominio da hygiene mental pura, iniciando os estudos technicos do relevante problema da orientação e da selecção profissionaes, pensa não ter andado erradamente, dedicando, no dominio da prophylaxia mental, a sua maior actividade á lucta contra o alcoolismo.“

Entrevê o dr. Ernani Lopes o „declinio definitivo“ da „paixão do luxo“ quando „predominarem na humanidade os typos do homem robusto, mental e physicamente, e da mulher bella, moral e physicamente.“

E' exacto. Mas tal factor de regeneração quando virá? Deve-se esperar que elle tenha um effeito geral? Quando o Brasil não é constituído principalmente dos individuos accorrentados ao „falso gozo dos bens materiaes superfluos“?

E' exacto, ainda, dizer com o dr. Ernani Lopes, que, então, „perderá o luxo a sua razão de ser? Mas quem nos garante que elle não continuará, noutros dominios, e na gente recem sahida da pobreza? Theoricamente, o dr. Ernani nos objectará victoriosamente, dizendo, si a „mulher já estiver bella, *moralmente*, não deve usar taes luxos.“

E teremos que concordar, theoricamente... Mas não me parece que o encanto do seu ponto de vista nos enleve perennemente, si passarmos alguns annos trabalhando ahi pelo interior, e vendo as cousas de ao perto; vendo o povo, que é a grande maioria; o povo, que é o Brasil, e que precisa, actualmente, antes de tudo, da organização politica e economica, da educação, da escola, do saneamento; da possibilidade material de trabalhar e exportar; da possibilidade moral de aspirar com fé e optimismo, abandonando a renuncia, a humildade, o atrazo, o desanimo aparvalhado da indolencia doentia com que, ás vezes, nos diz, á beira das estradas: „não posso fazê isso, não! Nem que me pague! Cadê tempo!“

Fundamentalmente, entretanto, a razão está, no fim, ao seu lado. Porque o dr. Ernani visava „apenas justificar a transcendencia da hygiene mental,“ em relação á chamada „questão social.“

Elle quer dizer, essencialmente, que a humanidade „não deve“ procurar no luxo a sua felicidade. E, de facto, ella não „devia“... ainda que talvez conserve, para sempre, ou por um tempo incalcul-

lavel, essa tendencia inferior: quando muito, a arte a „sublimará“, e a luz piedosa do altruismo lhe dará um banho de ouro, que emprestará um brilho de perfeição consoladora a essa natureza, primitivamente inclinada á expansão egoistica de si mesma.

E, si nós encarmos a arte medica e a arte politica no maximo de suas attribuições praticas, — as duas artes que a concepção comteana considera as mais difficeis, — para o caso particular do Brasil, veremos dentro dellas esboçar-se o factor economico, como uma condição immanente ao exito victorioso.

Essa é a verdade. Para perceber-a, basta deixar os livros, por alguns annos. E ir fundar uma empresa no campo, no sertão, — entre a gente inculta e boa que ali vive, — ignorante de si mesma, e desprezando o dinheiro, como quem está com medo de se lhe vender... com desconfiança e horror daquillo „que tudo pode,“ daquillo que é „o vil metal,“ frequente vehiculo de baixeiras e perversões „da gente das cidades.“

Muitos põem a curta mira em „ser pobres,“ para „disso orgulhar-se.“

Mas, na verdade, só para os ricos é que constitue um defeito o considerar como um ideal dominante o facto de enriquecer cada vez mais.

Para o nosso sertanejo adoentado, inculto e rude, — enriquecer, alcançar o conforto, devia ser considerado o primeiro dos ideaes. E eu não seria o unico que tivesse a coragem de dizer essa cousa, hedionda para certas moralidades abstractas.

Renan já disse cousa igual, e para o meio e o homem europeu, muito menos materialmente chumbados a esse conjuncto doloroso:

„Arguimos muitas vezes a certas doutrinas sociaes de que ellas se preoccupam só do interesse material, e que ellas suppoem, para o homem, só uma unica especie de trabalho, e de alimento, e de que ellas concebem, como ideal unico, apenas a commodidade da vida.

E' desagraçadamente exacto: mas é preciso notar que, si taes systemas bonificassem grande parte, e não raras das pessoas, já não seriam para reprochar.

Porque o melhoramento da condição material é a condição do melhoramento intellectual e moral, e esse progresso como todos os outros deverá operar-se por um trabalho especial: quando a humanidade faz uma cousa, não está fazendo outra cousa. E' evidente que um homem que não possui o indispensavel, ou para conseguil-o é obrigado a um trabalho mechanico de todos os instantes, está forçosamente condemnado á depressão e á nulidade.

O maior serviço que se faria ao espirito humano, na actualidade, seria achar um processo que pudesse dar, a todos, a commodidade material.

O espirito humano não será realmente livre, sinão quando perfeitamente libertado destas necessidades materiaes que o humilham e o immobilizam no seu desenvolvimento...

...Tudo que serve ao progresso da humanidade, por mais humilde e profano que pareça, é por isso mesmo respeitavel e sagrado...

...A franqueza obriga a dizer que só o materialismo das classes opulentas é que é o condemnavel...

Mas quando um miseravel trabalha para se elevar acima da sua necessidade, elle pratica uma acção virtuosa; porque alicerça o meio da sua redempção, elle faz, por ora, o que deve fazer.

O brasileiro, mais que ninguem, *precisa de poder trabalhar*. D'ahi lhe virá o aperfeiçoamento physico e moral. Está ahí o ponto de honra da sua eugenia. Essa é tambem a condição da sua existencia: si não fizermos isso, elle não entrará na civilização. E a civilização o destruirá.

Agosto, 1930.

O progresso da mulher não é nem será nunca outra cousa que uma aspirição á viribilidade, como phase successiva; e este é o sentido das tendencias emancipadoras do sexo . . .

Marañon.